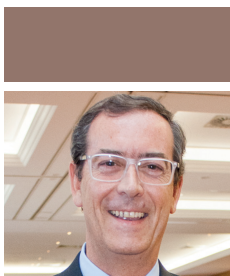




Medicina amanhã: a técnica ao serviço das pessoas



Miguel Guimarães

Presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos

Imaginar o futuro da Medicina é um prognóstico que deveria estar reservado aos mais destacados investigadores internacionais. Não será, nem poderia ser, esse o meu campo de intervenção. Limito-me a constatar um horizonte previsível, basea-

do em algumas mudanças disruptivas que vão fazendo o seu caminho.

Numa conferência realizada em 2014, o Professor Daniel Serrão sublinhava que, há 50 anos, ninguém previa que a Medicina iria sofrer uma mudança mais radical do que em todo o século anterior. Facilmente se constata a acuidade deste raciocínio, se olharmos a evolução registada nas últimas décadas em áreas como a investigação clínica, a informação biológica, a farmacologia, a imagem ou a cirurgia.

Se, então, vivemos uma espécie de revolução analógica da Medicina – ainda forjada na industrialização da primeira metade do século XX –, hoje, assistimos à emergência da era digital, que promete romper com todas as convenções conhecidas na nossa profissão. A primeira das quais é a relação tradicional entre quem trata (o médico) e quem é tratado (o doente).

A informação clínica será o elemento chave neste processo. A possibilidade de

obtermos, remotamente e em tempo real, um conjunto de dados sobre o doente já não pertence ao domínio da ficção científica. As aplicações *mobile*, os dispositivos eletrónicos ou os sensores implantáveis constituem um ecossistema que possibilita ao médico um volume de informação esmagador. O *big data* veio para ficar: nos próximos cinco anos, prevê-se que o volume de dados biométricos obtidos a partir de pequenos dispositivos aumente 50 vezes.

O potencial de diagnóstico é incalculável. Vamos ter um “armazém” de informação disponível que permitirá identificar a patologia em fases cada vez mais precoces, com maior precisão e com menor custo. Por outro lado, o *empowerment* do doente será francamente estimulado, uma vez que as ferramentas de autovigilância serão tendencialmente mais acessíveis e intuitivas.

Ao nível da terapêutica, abrem-se horizontes que, há apenas uma década,

eram impensáveis. Nesta altura, conhecemos já o desenvolvimento de moléculas para tratamento, cada vez mais dirigidas à patologia e menos suscetíveis de provocar efeitos secundários. Surgem outras áreas de grande diferenciação, como a nanotecnologia e a farmacogenómica, que fazem prever grandes progressos em termos de eficácia, individualização do tratamento e melhoria da qualidade de vida dos doentes. Finalmente, a tendência para uma terapêutica cirúrgica minimamente invasiva, que aumenta as probabilidades de cura e reduz as complicações e a iatrogenia dos procedimentos.

Sem grande margem de erro, esta será a realidade da Medicina nos próximos anos. A única razão para alarme, na minha perspetiva, é a tendência para uma visão excessivamente tecnocrática da profissão, em detrimento da humanização. Estou certo, no entanto, que essa será uma visão de fora para dentro, que

A possibilidade de obtermos, remotamente e em tempo real, um conjunto de dados sobre o doente já não pertence ao domínio da ficção científica.

não colhe no interior da classe médica. Vamos saber aproveitar a mudança que se anuncia para colocar o nosso saber e a nossa técnica ao serviço da comunidade, mantendo a matriz da relação médico-doente.



**Miguel
Guimarães**

Medicina amanhã: a
técnica ao serviço das
pessoas

—
P. 9